

QUADROS, RONICE MÜLLER (2019): *LIBRAS*

Rogério Vicente Ferreira (UFMS)

rogerio.v.ferreira@ufms.br

Maressa Mendes Martins (UFMS)

maressamrtns@gmail.com



QUADROS, Ronice M. *Libras*. São Paulo: Parábola, 2019. 190p. (Linguística para o Ensino Superior)

<https://www.parabolaeditorial.com.br/libras>

O livro *Libras (Linguística para o Ensino Superior)*, de Ronice Müller de Quadros (UFSC), foi publicado pela Parábola Editorial, em 2019. A autora é uma importante pesquisadora da área de Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (UFSC), na linha de Linguística Aplicada/Libras; ela possui seu foco de pesquisas no campo da sintaxe, da aquisição e no ensino da língua de sinais, entre outros.

O objetivo da obra é o de fornecer um instrumento de estudo sobre a Libras com base nos estudos linguísticos. Portanto, o principal público-alvo são acadêmicos universitários, mas também leitores interessados nos estudos linguísticos da Libras.

A obra é constituída por sete capítulos, sendo o primeiro intitulado como “Introdução: Origem, descrição e delimitação da disciplina”; nesse capítulo, introduzem-se os conceitos da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Segundo a autora, é uma língua visual-es-pacial, em que ocorrem todos os níveis de análise linguística, padrões prosódicos e reconhecimento como língua de sinais nacional; dessa maneira, as línguas de sinais apresentam características presentes em outras línguas naturais.

Além disso, Quadros menciona sobre a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS), que tinha como objetivo o reconhecimento legal da Libras, que, diante dessa perspectiva, resultou na Lei nº 10.436/2002. Ainda a autora comenta sobre o Decreto nº 5.626,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

de 2005, que desenvolve uma lista de ações para a implementação da lei como formação de profissionais da área de Libras, tanto na educação quanto em espaços diferentes na sociedade.

Antes de se introduzir o próximo capítulo, Quadros organiza um glossário que objetiva esclarecer as terminologias utilizadas no livro, algo bem interessante para leitores que não são familiarizados com esse tema.

No segundo capítulo, outra questão importante que a autora aborda é sobre o risco de extinção de determinadas línguas de sinais brasileiras locais, devido à sobreposição da Libras *standart*.

Quadros e Silva (2017) mapeiam uma tabela (em andamento) sobre as línguas de sinais brasileiras a partir de dissertações e teses. Com isso, observam-se os riscos que ameaçam essas línguas, usadas por comunidades com uma concentração de surdos bastante reduzida, pois estão em constantes reinvenções. Quando essas crianças surdas, que possuem uma forma particular de fala dentro de sua comunidade, vão à escola, há uma tendência de levarem a Libras para a comunidade, ocasionando uma pressão da escola para a substituição dos sinais da comunidade local (SILVA, em elaboração).

Quadros e Leite (2013) também observam o fato da Libras tornar-se suscetível em diferentes reproduções, pois as crianças surdas, muitas das vezes, terão um contato tardio com uma língua de sinais com vários comprometimentos de ordem linguística e cognitiva. Dessa forma, segundo Quadros, essa sinalização não é propriamente uma língua, ou seja, coloca esse tipo de comunicação de sinais em risco.

Ainda neste capítulo, é apresentado um tópico relacionado aos *sinalizantes em Libras, língua de herança da comunidade surda*. A autora aponta que os sinalizantes são normalmente surdos, mas também podem ser ouvintes. “Os nativos de pais surdos, incluindo os filhos surdos e ouvintes, e crescem com a Libras desde pequenos, normalmente, convivendo com outros surdos” (QUADROS, 2019, p. 42).

Assim, a herança linguística é transmitida pela comunidade surda. De acordo com Perlin (1998) e Strobel (2008), a herança surda vai além da língua, pois faz parte da cultura e construção da identidade surda. Os surdos descobrem sua verdadeira identidade a partir do contato com a comunidade surda. Strobel (2008), aborda acerca da importância do encontro surdo-surdo para essa construção da própria identidade.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Para finalizar esse capítulo, Quadros aponta a respeito do histórico de instituições que alcançaram um papel importante na constituição da Libras como língua nacional, como a FENEIS e a INES, as associações de surdos, as igrejas e as escolas especiais de surdos mantidas por elas.

No terceiro capítulo, é apresentada uma análise sobre “os estudos linguísticos das línguas de sinais e da Libras”, com imagens ilustrativas. Nesse viés, a autora traz primeiramente o estudo da fonética e fonologia. Os estudos das línguas de sinais se concentram na fonologia desde Stockoe (1960), que propôs um modelo fonológico de análise das línguas de sinais. Segundo a autora, a fonética das línguas de sinais ainda está em desenvolvimento, mas se ocupará de todas as unidades de produção e percepção de articuladores manuais e não manuais na expressão física. O fato de serem na modalidade visual-espacial implica uma estrutura fonética e fonológica, pautada na articulação dos sinais, envolvendo braços, mãos, dedos, tronco e face. Apresentado por Klima e Bellugi (1979), os autores identificam unidades frequentes: configuração de mão, locação e movimento.

Na segunda proposta do capítulo, coloca-se em foco a *morfologia*. Quadros discute a estrutura morfológica das línguas de sinais, que compreende na sequencialidade e simultaneidade. Segundo Aronoff, Meir e Sandler (2005), esses dois tipos apresentam especificidades que refletem aspectos já analisados nas línguas de modo geral. A partir dessa observação, os autores identificaram que a morfologia sequencial envolve processos de gramaticalização semelhantes às línguas mais jovens, como: a origem da língua, as condições de aquisição e a idade.

De toda forma, no Brasil, os registros de língua de sinais são a partir de 1855, ou seja, os estudos são ainda muito recentes. Ainda nessa seção, são descritos os processos de flexão (de concordância, aspectual e de número), e argumenta-se sobre os classificadores, que envolvem uma categoria polimorfêmica específica das línguas de sinais.

A morfologia é bastante complexa e carrega outros aspectos como morfema presos e livres, ampliado por Farias-Nascimento (2013); os processos de incorporação de numeral e negação são mencionados por Quadros e Karnopp (2004); Farias-Nascimento (2013).

No tópico sobre “Sintaxe (3.3)”, a autora cita a análise de ordem das palavras na Libras; aquela que é mais simples (sem marcações sintáticas específicas e/ou mais complexas) e mais frequente, ou seja, na qual identifica-se um sujeito, verbo e objeto realizado. Mencionam-se também

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

as diversas construções sintáticas possíveis com diferentes tipos de verbos, tópico, foco contrastivo e duplicado, negativas, interrogativas e a estrutura subordinada, com exemplos em imagens ilustrativas.

Os estudos das línguas de sinais são recentes, com isso ainda não há muito foco no campo *semântico-pragmático*. Contudo, Quadros (1999) explica algumas das destruições de ordem das palavras, a influência da semântica na ordenação ou reordenação de uma sentença. A questão da reversibilidade que envolve a ambiguidade na interpretação.

Ainda neste capítulo, a autora desenvolve a questão da *iconicidade*, que está associada em todos os níveis linguísticos de seu estudo, mas manifesta-se usualmente nas diferentes línguas de sinais, é um fenômeno bastante produtivo. Primeiramente, Taub (2012) aborda que “transparência” não é critério para medir a iconicidade, pois nem sempre o sinal implica esta relação com seus referentes. Para ele, as tentativas dos primeiros pesquisadores das línguas de sinais se concentraram em ‘provar’ seu estatuto linguístico, enquanto “línguas verdadeiras”, desse modo, a iconicidade se fez por inexplorada.

O quarto capítulo é responsável por apresentar o tópico “Literatura e Libras”. A partir da análise de produções poéticas de Sutton-Spence e Quadros (2005), observa-se o quanto à literatura surda pode manifestar a cultura surda como forma de celebração e pertencimento a comunidade surda. Os usos criativos da Libras nas produções literárias em língua de sinais exibe grande inventividade. Segundo Ryan (1993), a contação de história explora o espaço em diferentes formas e produz os sinais com velocidades diferenciadas. De acordo com Quadros, por meio da arte literária, os surdos manifestam seus sentimentos e narram a si mesmo de forma criativa.

Sutton-Spence e Napoli (2010) analisaram o antropomorfismo. Ou seja, a incorporação de conferir a animacidade a entidades sem vida, em uma espécie de *performance*. No decorrer, é apresentada uma ilustração do poema “Bolinha de Ping-Pong”, de Rimar Segala. De acordo com Klamt (2018), a sonoridade visual que envolve os articuladores visíveis a grandes distâncias nas produções literárias, constata elementos, como: ritmo, sinais com o mesmo movimento ou manipulando o tamanho dos movimentos ao sinalizar.

Na segunda parte do capítulo, é proposto o tópico “poemas em Libras”. Klima e Bellugi (1976) constataram características linguísticas e literárias, que evidenciam o jogo de palavras em sinais, e observaram que

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

os jogos de palavras seguem padrões delineados pela forma. A poesia em Libras é muito significativa nas produções dos surdos brasileiros, chama atenção entre diferentes comunidades. Os poetas surdos elaboram os poemas, combinando ideias com formas de sinais inovadoras. Como afirmam Sutton-Spence e Machado, a poesia em Libras é a “poesia do corpo”, que se traduz na *performance* para existir.

No decorrer do tópico, destacam-se aspectos relacionados à produção poética, fatores que impactam na construção da *performance* do poema em Libras, como: o ritmo, simetria (movimento das duas mãos), morfismo (fluidez entre os sinais), repetição/rima (composição e padronização dos parâmetros dos sinais).

Em virtude do módulo de educação bilíngue, a autora disserta, no quinto capítulo, sobre “Linguística aplicada e Libras”. Quadros abre um panorama da educação bilíngue para surdos e das línguas (Libras e Língua Portuguesa) envolvidos neste processo. Neste contexto, enfatizam-se documentos que estão inseridos na proposta de educação inclusiva e na política que é promovida no Brasil. A autora chama atenção, para melhor compreensão, dos termos *inclusão* e *diversidade*. Kusters *et al.* (2015) analisam esses termos, e segundo eles, referem-se aos direitos das pessoas surdas como forma de inclusão societal enquanto parte de um grupo social. Sua proposta é ver esse grupo a partir da coletividade e não somente como indivíduos isolados.

Nessa passagem, a autora ressalta relatos dos pais de crianças surdas, matriculadas em escolas inclusivas, e compara aos de uma escola bilíngue. De acordo com Quadros, as crianças surdas precisam de uma lei para serem incluídas na educação e na sociedade, ou seja, para a inclusão ocorrer deve haver uma real socialização e autorreconhecimento da criança como membro da comunidade surda.

Posteriormente, disserta-se acerca do que significa ser bilíngue e bimodal; deste modo, Quadros traz um relato pessoal a partir das vivências com as línguas com quem interage a nível pessoal e profissional. Para ela, é muito comum a variabilidade entre os bilíngues, exatamente porque as línguas podem ser usadas de diferentes formas, com diferentes pessoas, em contextos bastante específicos.

A *educação bilíngue* para surdos no Brasil envolve ambas as línguas oficiais do país, Libras e língua portuguesa, reconhecendo a língua de sinais como a primeira língua da criança surda.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Outro aspecto fundamental é que a língua se constitui da relação com os outros. Portanto, os espaços da escola devem prever o agrupamento dos surdos. Dessa forma, a aceitação da língua portuguesa impactará como segunda língua para o surdo, como é visto nos relatos.

A autora também destaca o papel da família da criança surda. Essas famílias, por serem de grande maioria ouvintes, precisam ter acesso às comunidades surdas, identidades e culturas surdas; também defende o ensino da Língua de Sinais como segunda língua para as crianças ouvintes, como aprendizes de segunda língua e segunda modalidade.

Após esta explicação das línguas no contexto da educação de surdos, Quadros evidencia, no sexto capítulo, os profissionais atuantes na educação do surdo. Segundo a autora, esses profissionais precisam conhecer muito a comunidade surda para a interação com os alunos de forma apropriada.

Portanto, em um ambiente escolar entre alunos surdos e alunos ouvintes, devem-se destacar professores, tradutores, e intérpretes de Libras e Língua Portuguesa, com possibilidade de haver professores surdos (falantes de referência) representando a comunidade surda e estabelecendo uma relação de identidade com seus alunos. Os professores bilíngues, fluentes em Libras e língua portuguesa, fazendo uma importante interação com os alunos. Os tradutores são profissionais que atuam na tradução de materiais necessários utilizados em sala de aula. Os intérpretes medeiam as interações em Libras e língua portuguesa, ou seja, uma interpretação simultânea entre ambas as línguas.

As interações, no ambiente escolar, entre adultos surdos (os profissionais) e alunos surdos são precursores da Libras, identidade e cultura surda, para a contribuição do estabelecimento do ambiente bilíngue. Dessa forma, o suporte institucional torna-se fundamental para os pais e os alunos surdos, favorecendo o desenvolvimento dos alunos e avançando mais e mais na qualidade do ensino dos surdos no contexto escolar.

Por meio da narração de Quadros, é enfatizado, em vários momentos, a relevância do ensino da Libras para a comunidade surda e também como segunda língua para a população. Entretanto, ainda é difícil o reconhecimento dessa língua em diversos setores, ocasionando fatores negativos ao redor da Língua Brasileira de Sinais.

No decorrer da leitura, são esclarecidos diversos aspectos em torno da Libras, sendo redundante em um trabalho pedagógico e compre-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

sível para o leitor. Além disso, podemos citar a Libras como disciplina no contexto das licenciaturas e curso de fonoaudiologia, oferecida como optativa/eletiva em cursos na área da saúde, a partir disso o livro foi cogitado dentro da proposta da coleção “Linguística para o ensino superior”.

Por fim, destaco a importância da obra e recomendo-a para leitura, pois aborda um tema relevante para pesquisadores e interessados em linguagem, pessoas que vivenciam essa realidade de comunidades surdas. Aos acadêmicos e pós-graduandos, a leitura possibilita a apreensão de vários conceitos e termos específicos da cultura surda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARONOFF, Mark; MEIR, Irit; SANDLER, Wendy. The Paradox of sign language morphology. *Language (Baltim)*. n. 82, V. 2, p. 301-344, 2005.

FARIAS-NASCIMENTO, S. P. DE. A organização dos morfemas livres e presos em língua de sinais brasileira: reflexões preliminares. In: QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R.; LEITE, T. A. *Estudos da Línguas Brasileira de Sinais I*. Florianópolis: Insular, 2013. p. 79-118

KLAMT, M. M. *O ritmo na poesia em língua de sinais*. Mestrado, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

KLIMA, E. S.; Bellugi, U. Poetry and song in a language without sound. *Cognition*, n. 4, p. 45-97, 1976.

KLIMA, E. S.; Bellugi, U. *The signs of language*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1979.

KUSTERS, A. *et al.* On “diversity” and “inclusion”: Exploring paradigms for achieving Sign Language Peoples’ rights. *MMG Working Paper*, p. 15-02, 2015.

PERLIN, G. Identidades surdas. In: SKILIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre a diferença*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

QUADROS, R. M. DE; KARNOPP, L. B. *Línguas de Sinais Brasileiras: estudo linguístico*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____; LEITE, T. A. Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. In: QUADROS, R.M. de; STUMPF, M.R.; LEITE, T.A. *Estudos da Línguas Brasileira de Sinais II*. Florianópolis: Insular, 2013. p. 15-28

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____; SILVA, D. S. As comunidades surdas brasileiras. In: ZAMBRANO, R.C.; PEDROSA, C.E.F. (Orgs). *Comunidades surdas na América Latina: Língua – Cultura – Educação – Identidade*. Florianópolis: Bookess, 2017.

_____. *Phrasestructure of Brazilian sign language*. Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1999.

STOKOE, W. *Sign and Culture: A reader for students of American Sign Language*. Silver Spring: List Press, 1960.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: UFSC, 2008.

SUTTON-SPENCE, R.; Napoli Anthropomorphism in Sign Languages: a look at poetry and storytelling with a focus on British Sign Language. *Sign Language*, no. 4, v. 10, p. 442-75, 2010.

_____; Quadros, R. M. DE. Sign language poetry and Deaf identity. *Sign Language Linguistics*. n. 1, v. 8, p. 177-212, 2005.